

RESENHA

ALÉM DA FORMA: QUANDO A SUBJETIVIDADE É VISITADA

Arlindo J. de S. Neto¹

CAMPOS, Roberta Bivar C. (2013), *Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte- CE)*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 187 p.

Roberta Bivar C. Campos, antropóloga brasileira, com mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Antropologia Social pela University of St. Andrews, foi orientada e influenciada pelos antropólogos Roberto Motta e Joanna Overing, tem a antropologia da religião, das emoções, da família, do corpo e gênero como principais interesses acadêmicos. O seu livro é consequência da tese de doutorado defendida em 2001, a qual abordou os Ave de Jesus², no Ceará.

Roberta Campos, com uma linguagem simples mas, objetiva e refinada conceitualmente, escreveu uma etnografia digna de um autor clássico. Sua narrativa tem uma suavidade poética que potencializa suas reflexões e demonstra que o trabalho e a escrita antropológica possuem ricas possibilidades.

A autora organiza o livro em cinco capítulos. Na introdução, Campos faz um breve histórico sobre a penitência e os Ave de Jesus na literatura antropológica, citando nomes clássicos como o do padre Ibiapina, o beato Zé Lourenço

1 Cientista Social, mestre em Antropologia e doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, membro do Núcleo de Estudos das Religiões Populares-NERP, e-mail: arlindo.netto@hotmail.com

2 Também conhecidos como os Penitentes do Braço Sagrado do Coração de Jesus, do sertão do Ceará.

e Antônio Conselheiro. Além disso, justifica sua escolha pelos Ave de Jesus, ressaltando a presença no grupo de um ethos religioso que permaneceu desde os tempos dos beatos da época do padre Cícero. Ainda, observa que sua escolha ultrapassa as fronteiras de uma religiosidade local. E nos capítulos que procedem à introdução, Campos faz uma análise interpretativa, explorando a *performance* do grupo estudado, a utilização da *cultura bíblica*³ e a constituição dos modos de agir, observando, ainda, os usos dos corpos, dos objetos, da estética, e das emoções aos quais estão imersos os Ave de Jesus.

No primeiro capítulo, “Como tudo começou”, a autora descreve a vida cotidiana do grupo Ave de Jesus, que na época de sua pesquisa contavam com o número de vinte e dois integrantes. Uma vestimenta particular, a mendicância como modo de sobreviver, proibição do uso de álcool, sexo, fumo e banho são as características mais fortes do grupo. Ainda, sendo vetada o nascimento de crianças entre os penitentes, apenas possível a adesão de um novo membro ao grupo, pela conversão. Com essas observações, Roberta Campos sentiu uma das primeiras dificuldades: a adequação entre teoria e dados empíricos. Na literatura especializada, até aquele momento, os Ave de Jesus não condiziam com os modelos teóricos que abordavam os movimentos messiânicos como estratégia de reprodução do grupo social.

A partir dessa observação, a autora começa a trilhar seus próprios caminhos de interpretação. Principia, portanto, a entender como se dá a produção simbólica do mundo construída por esse grupo de penitentes, e como eles lidam com os mitos, personagens e história da bíblia, ou seja, com a *cultura bíblica*. É essa linguagem que interessa a Campos: “A transformação de imagens bíblicas em representações concretas e o seu reverso, a subjetivação da natureza e a transformação de elementos da paisagem em ícones e emblemas sagrados” (p.56). Através dessas imagens é possível identificar as categorias de pensamento que possibilitam a construção da realidade. Isso é demonstrado por Campos nos diálogos descritos com mestre José, líder dos Ave de Jesus. Portanto, foram os diálogos com mestre José que alertaram a autora para a lógica interna dos fatos, mesmo que, vistos por outra lógica, soassem como falas absurdas. Temas como a criação do mundo e o fim dos tempos bordaram os diálogos entre a autora e o

3 Conceito posto por Otávio Velho, (1995), “Epistrophê: Do duplo vínculo às antinomias e de volta”. *Rever*, set-abril, p. 123-144.

líder dos Ave de Jesus.

Segundo Campos, particularidades como essas mostram que “a verdade é [...] construída na ambivalência, que não opõe, mas concilia evidências objetivas, o belo e o sagrado” (p.62). Em tal análise, a autora não deixa, evidentemente, de citar a conferência publicada de Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado* (1979). E arremata o capítulo demonstrando que a fala do mestre José é repleta de esperança, a qual se “materializa” nas imagens bíblicas expressas pela linguagem, dando assim, uma significância à realidade.

Seguindo em sua análise, Campos, no capítulo II, “Carisma e exemplaridade entre os Ave de Jesus: muito além da dominação”, desenvolve a sua argumentação de modo um tanto interessante. Ao invés de munir-se da abordagem clássica do carisma como dominação, a autora, utilizando os diálogos com mestre José, desloca o conceito de “carisma clássico” para o campo da “confiança”. Pois o carisma, segundo ela, é observado como um mediador fundamental para constituição do estilo de vida desse grupo. Além disso, a autora destaca o aspecto pedagógico do carisma e, ainda, defende que além de ser coletivo, ele é comum aos membros do grupo. De modo claro, “não apenas o líder é portador de carisma, mas toda a comunidade de crentes pode ser portadora do carisma, e que, portanto, os fiéis e seguidores também querem o carisma para si” (p.77). Igualmente com base em seu trabalho de campo, a autora afirma que o carisma é mais que dominação ou liderança, o carisma também compõe a sociabilidade.

Dessa maneira intensa de observar os Ave de Jesus, no capítulo III, “Dominando palavras, dominando o mundo: ou, será que Mestre José está fadado ao mesmo destino de Dom Quixote?”, Roberta Campos apresenta uma dimensão mais suave e poética dos Ave de Jesus. A partir do mestre José, a autora analisa como a fé é vivida, praticada e simbolizada nesse contexto, demonstrando, ainda, como veem a si e se veem no mundo. Posso dizer que, nesse capítulo, Campos descreve, não inconscientemente, o(s) momento(s) ao qual percebe mestre José como sujeito que pratica, que vive e que pensa sobre si. Nesse sentido, durante as entrevistas, a autora observa exatamente a existência de uma negociação nas respostas, “certamente ao jogar com palavras, elaborava metáforas e tentava, assim, negociar significados” (p.100). Mestre José não respondia apenas às questões, mas esforçava-se para dialogar. E a consonância de mestre José com Dom Quixote deriva exatamente daí. Tenho certeza que além de compreende-los cogni-

tivamente, Campos sentiu e experimentou os diálogos de negociação/acordo de significados, e ao lembra-los deve ressoar em seus ouvidos a resposta incomum, dita pelo mestre José, em forma de indagação: “o que é que a senhora acha?”.

Posteriormente, no capítulo IV, “Sofrimento e sacralização do espaço: a produção de uma tradição”, Roberta Campos destaca sua preocupação: entender a prática da penitência como um modo de vida. E conseqüentemente, como uma manifestação cultural. Nesse capítulo, a autora retoma o conceito de *cultura bíblica*, de Otávio Velho. E analisa como o *ethos* de misericórdia converte-se em identidade de um lugar. Nesse caso específico, o Juazeiro do Norte, como bem afirmou a autora, “a importância dos sentimentos morais e das emoções é central para se compreender a forma de vida desses penitentes. Sentimentos que são dramatizados e exibidos por muitos romeiros e penitentes em Juazeiro” (p.122). Mas, sem cair no pecado do essencialismo, adverte-nos que seu enfoque teórico-metodológico não está em encontrar na estrutura social as causas e mecanismos da sociabilidade e que levar em consideração *ethos* e motivações subjetivas é um grande ganho para a pesquisa. Para defender esse posicionamento, a autora cita antropólogos como Gregory Bateson (2008) e Stanley Tambiah (1979) que comungam argumentos em relação a essa perspectiva. Ainda, Campos, utiliza categorias nativas como misericórdia, caridade e compaixão para demonstrar que esses conceitos se realizam na prática dos indivíduos, indo além do discurso.

Seguindo essa perspectiva, no capítulo V, “Tempo de Romaria: milagre e tradição cultural, temporalidades em coexistência”, a autora discute sobre a (de) secularização na filosofia e nas ciências sociais. Primeiramente, apresenta o diálogo entre dois autores, Luc Ferry (2008) e Marcel Gauchet (1997), e articulando encontros e desencontros entre ambos, demonstra que as fronteiras entre campos estão cada vez mais fluídas e exigem cada vez mais um pesquisador treinado e familiarizado com a literatura produzida sobre o tema que está abordando. De fato, Roberta Campos é feliz em sua análise, pois se permitiu examinar o que antes era visto mas não observado. De tal modo, revelou um riquíssimo material: os causos e as falas dos membros do grupo Ave de Jesus, tornando possível uma interpretação inteligente sobre a religiosidade no Juazeiro.

Recebido em maio de 2014.
Aprovado em dezembro de 2014.

REFERÊNCIAS

BATESON, G. **Naven**. São Paulo: Edusp. 2008

FERRY, L; GAUCHET, M. **Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?**. Rio de Janeiro: DIFEL. 2008.

GAUCHET, M., **The Disenchantment of the World: a political history of religion**. Princeton: Princeton University Press. 1997.

TAMBIAH, S. “The Form and Meaning of Magic Acts: a point of view”. In LESSA, W. A.; VOGT, E. Z. **Reader in Comparative Religion**. New York: Harper Collins Publishers, p. 352-361. 1979.